

# São Paulo tem 88 mil leitos

por Nora Gonzalez  
de São Paulo

O descredenciamento de hospitais da rede do Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (Inamps) vem aumentando nos dois últimos anos. Segundo um levantamento do Sindicato dos Hospitais, 23 estabelecimentos pediram sua saída do sistema em 1990. Isso significou 5.992 leitos a menos, que geravam 12.649 internações mensais e 209.290 atendimentos ambulatoriais.

O próprio sindicato vem estimulando o descredenciamento, alegando que os reembolsos não cobrem os custos. Apesar de não ter números atualizados, acredita-se que tenha havido mais do que 23 pedidos de saída do sistema público em 1991, segundo informou a porta-voz da entidade.

Existem hoje em todo o Estado de São Paulo, com 31,2 milhões de habitantes, 800 hospitais, dos quais 15% são públicos e o restante privados ou filantrópicos. Esse número representa um total de 88.136 leitos, ou 528.816 internações mensais, supondo-se uma média de cinco dias de permanência por paciente. Mas, desse total, segundo levantamento da entidade, cerca de 50% estão desativados — deixando vagas para apenas 280 mil internações via Inamps.

Na área estadual, que mantém um total de 21.671 leitos, cerca de 21,5% ou 4.649 estão desativados. Já no âmbito da prefeitura, de 2.665 leitos, 23% estão desativados, segundo o sindicato. Já pelas contas das secretarias estadual e

municipal da Saúde os números são mais favoráveis ao poder público, mas todos reconhecem que variam. "Preferimos atender pacientes no corredor do que não atendê-los", diz Pedro Dimitrov, chefe de gabinete da Secretaria Municipal.

Para contornar problemas de recursos, cada hospital adota uma estratégia diferente, mas a maioria prefere dar prioridade ao atendimento particular, como cooperativas de médicos (como Unimed), seguros-saúde (Bradesco, por exemplo), empresas de Medicina de grupo (como Golden Cross) e planos próprios de hospitais. Somados esses serviços, o faturamento anual das empresas de convênios beira os US\$ 4 bilhões — metade deles com medicina de grupo, que já tem 32 milhões de convênios. Já no caso das Santas Casas, os recursos vêm das faculdades de medicina, doações do poder público ou da comunidade e, em grande parte, através de bingos e chás beneficentes.

A situação do Brasil, ao contrário do que pode parecer, já foi pior na área da Saúde. Segundo um relatório do Banco Mundial (BIRD) nos últimos quinze a vinte anos o crescimento da assistência médica passou de menos de um terço da população para quase 100%.

O governo federal destinou neste ano 4,23% de seu orçamento para a saúde, ou Cr\$ 20 trilhões. Segundo o BIRD, em 1972 a proporção era de 6,7%, enquanto a Defesa ficava com 8,3% (em 1989, no último levantamento caiu para 4,3%) e 8,3% para Educação, que passou para 4,2% dezessete anos depois.